



Hunter S. Thompson e Bernardo Biagioni: Influência e Descontinuidade no Jornalismo Gonzo¹

Nayara de Arêdes OLIVEIRA²

Ruy Vasconcelos de CARVALHO³

Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE

RESUMO

Criado por Hunter S. Thompson na passagem entre as décadas de 1960 e 1970, o Jornalismo Gonzo é um estilo que se volta à ruptura de padrões profissionais canonizados pela academia. Centrada em relatos subjetivos e construída por meio de uma linguagem autoral, esta vertente encontrou adeptos em todo o mundo, inclusive no Brasil. Entre os seguidores brasileiros de Thompson destaca-se o jornalista mineiro Bernardo Biagioni, que viajou pelo mundo produzindo uma série de artigos dotados de alto teor de subjetividade. Este trabalho propõe uma comparação entre os dois autores, identificando semelhanças e diferenças em suas formas expressivas.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo Gonzo; Hunter S. Thompson; Bernardo Biagioni.

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho sintetiza as inferências obtidas ao longo do processo de construção do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) “Relatos de Viagem e Jornalismo Gonzo: Confluências e Desvios em Hunter S. Thompson e Bernardo Biagioni”, de autoria de Nayara de Arêdes Oliveira sob a orientação do Professor Ruy Vasconcelos de Carvalho.

Aqui serão enfatizadas as relações entre as linguagens do jornalista estadunidense Hunter S. Thompson, considerado o criador do Jornalismo Gonzo, e Bernardo Biagioni, jornalista brasileiro influenciado pelo estilo de escrita de Thompson. O paralelo entre as produções de ambos constitui o objeto deste estudo, tendo como intento identificar as semelhanças e dissonâncias entre suas formas de expressão.

Tornando-se conhecido entre o grande público na transição entre as décadas de 1960 e 1970, Hunter S. Thompson produziu uma série de reportagens e artigos marcados por

¹ Trabalho apresentado no IJ 1 – Jornalismo do XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 15 a 17 de maio de 2014.

² Estudante de Graduação 8º. Semestre do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Sergipe (UFS), e-mail: aredesn@gmail.com.

³ Mestre em Sociologia, professor do Departamento de Comunicação Social da UFS, e-mail: ruvasconcelos@gmail.com



forte teor de subjetividade, que consagrou um novo estilo de jornalismo. A vertente Gonzo vai de encontro aos ideais de conduta profissional canonizados pela academia, questionando valores tais como objetividade e imparcialidade. Além disso, o Jornalismo Gonzo imprime por meio de sua linguagem um convite à liberdade e à mudança de perspectiva.

O estilo Gonzo e o espírito de contestação à objetividade jornalística fazem parte também do repertório do jornalista Bernardo Biagioni, que entre 2008 e 2013 viajou pela Europa e pelas Américas como repórter e colunista da revista *Ragga*. Biagioni produziu relatos centrados em seu ponto de vista diante do mundo, indo além da descrição de cartões-postais e utilizando-se sempre de uma linguagem autoral.

Os estudos de Susan Sontag (1965), André Felipe Czarnobai (2003), Franco Martelli (2006) e Susana Bragatto (2007), dentre outros autores, colaboraram para a construção de um painel conceitual acerca da proposta deste trabalho. Além do aporte teórico, a análise de obras de Hunter S. Thompson e Bernardo Biagioni, bem como de entrevistas, artigos, reportagens e biografias sobre estes autores, ofereceu embasamento ao trabalho. Por fim, o depoimento fornecido por Bernardo Biagioni à autora auxiliou na concepção de uma trajetória histórica, evidenciando elos e rupturas entre os jornalistas. A entrevista foi concedida em janeiro de 2014, via *Skype*.

A escolha do tema visa ampliar os horizontes a respeito do fazer jornalístico, questionando fórmulas e procedimentos excessivamente estabelecidos. Neste cenário, o estilo Gonzo demonstra a possibilidade de construção de um relato jornalístico menos tutelado pelas convenções.

2. JORNALISMO GONZO

O Jornalismo Gonzo é um estilo de informar originado nos Estados Unidos, na passagem da década de 60 para a década de 70 do século XX. Uma das principais marcas desta vertente jornalística é sua visão fundamentalmente centrada na experiência do autor. Tal característica ganhou forma através da expressão de Hunter S. Thompson, que talhou as feições do gênero segundo os moldes de sua própria e controversa personalidade.

Para definir as raízes do estilo Gonzo, no entanto, é preciso retroceder ao momento em que o jornalismo passa a incorporar elementos da Literatura como forma de questionar o



status quo. Este período corresponde ao início da década de 1960, data de surgimento do *New Journalism*. A nova tendência de expressão jornalístico-literária emerge em um contexto de ruptura nos Estados Unidos, em que as novas gerações demonstravam indícios de inquietude e rebeldia e os projetavam nas diversas formas de expressão cultural.

2.1 *New Journalism*: um prenúncio

Desde a música até o cinema, passando pelas artes plásticas e pela literatura, todos os tipos de manifestações artísticas tiveram seus cânones questionados e ressignificados sobretudo nos anos 50. Exemplos disso são o surgimento do movimento conhecido como Expressionismo Abstrato nas artes plásticas, do estilo *Bebop* no jazz, do filme *Noir* e da chamada geração *Beat* na literatura. Irremediavelmente, este cenário de profusão cultural em que a arte apresentou-se como ícone de contestação também chegou ao jornalismo.

Pondo em xeque valores cristalizados pela academia como a objetividade e a imparcialidade jornalística, autores como Tom Wolfe, Truman Capote, Gay Talese, Norman Mailer e Jimmy Breslin fizeram surgir um novo texto, que ao mesmo tempo conservava a gênese da realidade e o ritmo das narrativas literárias. Os *novos jornalistas* visavam contrariar a frieza e o distanciamento do jornalismo convencional e imprimir alguma subjetividade aos relatos, rompendo com convenções e fórmulas. Sintetiza Biagioni *et al* (2011):

O Novo Jornalismo não poderia ter surgido em outra época, senão na explosão cultural e comportamental dos loucos anos 1960 nos Estados Unidos. As técnicas jornalísticas da época já não podiam dar conta de um universo de drogas, experiências psicodélicas, do rock ganhando as massas, das roupas coloridas e da guerra contra a Guerra do Vietnã. Para entender essa geração era preciso mais tato, mais personalidade, mais envolvimento. O distanciamento, a observação, a não-participação eram princípios questionáveis para aqueles que queriam entender o que estava acontecendo nos corredores das faculdades ou nas praias da Califórnia [...]. (2011, p.18)

Quando o *New Journalism* foi inaugurado, seus representantes não detinham a pretensão de se organizar enquanto escola, nem reivindicavam o status de movimento. Aos poucos, os autores adeptos da nova orientação se conformaram sob características comuns, tal como a imersão no momento da cobertura. Empreendendo uma postura de proximidade em relação ao seu objeto, os *novos jornalistas* despendiam grande



quantidade de tempo na apuração a fim de compor cenários e personagens da forma mais detalhada possível.

A imersão é apenas uma das características do *New Journalism*. Para Tom Wolfe, outras quatro podem ser citadas: “diálogo estendido ou realista (*“extended dialogue”*), construção cena-a-cena (*“scene-by-scene construction”*), descrição de símbolos de *status* e o ponto de vista na terceira pessoa (*“third-person point of view”*)” (WOLFE *apud* BRAGATTO, 2007).

Entre as obras mais relevantes do *New Journalism* destaca-se *Joe Louis: O rei como um homem de meia idade*. Lançado por Gay Talese em 1962, o artigo é considerado o marco inicial do movimento. Em 1963, Tom Wolfe publica *Aí Vem Este Carrinho Bonitinho Aerodinâmico Fluorescente Fazendo a Curva*, que se caracteriza por inúmeras experimentações linguísticas. Em 1965 é a vez de o romancista Truman Capote apresentar ao mundo *A Sangue-frio*, que projetou o novo estilo e abriu espaço para outras publicações. Em 1973, Tom Wolfe lança *O Novo Jornalismo*, uma espécie de manifesto tardio que se dedica a fazer um balanço do movimento e postular suas características.

A tendência de aproximação do jornalista em direção ao objeto de sua reportagem inaugurada pelo *New Journalism* é intensificada pelo Jornalismo Gonzo. Hunter S. Thompson é considerado o responsável por este processo, não apenas observando os acontecimentos, mas tornando-se parte deles. No Gonzo, cada texto assume rumos muito particulares, que obedecem inteiramente às disposições de seu autor no momento da produção.

2.2 Características do Gonzo

Embora reivindique a total falta de regras, os textos escritos por Hunter S. Thompson possuem traços semelhantes de linguagem e abordagem narrativa. O pesquisador André Felipe Pontes Czarnobai (2003) elenca quatro pontos principais do Jornalismo Gonzo. São eles:

- **Captação participativa:** o jornalista Gonzo torna-se parte dos acontecimentos, mudando o destino da história e confundindo-se com seu próprio objeto. Ao contrário do que acontece com o *novo jornalista*, que evita participar efetivamente da história para manter certo compromisso com a objetividade e com a qualidade do texto, o jornalista Gonzo utiliza-se da espontaneidade e da urgência e abandona qualquer pretensão de pautar-se pela seriedade.



- Uso do narrador em primeira pessoa: uma vez mais o estilo Gonzo se opõe ao do *New Journalism*, que se utiliza do foco narrativo em terceira pessoa. Desta maneira, a posição do *novo jornalista* diante do objeto da apuração é a do observador passivo, enquanto a do jornalista Gonzo é a de personagem agente. É a partir do uso da primeira pessoa que o repórter Gonzo empreende o que Czarnobai (2003) denomina técnica da *osmose*, em que através do ato da reportagem o jornalista modifica o objeto da mesma maneira como o objeto altera o próprio repórter.
- Dificuldade de discernir ficção e realidade: esta característica se expressa em dois vieses. O primeiro deles é a inserção proposital de elementos ao relato com o objetivo de conferir dramaticidade e reforçar o sentido da história. Esta prática não ocorre de maneira aleatória, já que, como pontua Czarnobai (2003), a existência factual de uma situação, personagem ou objeto no relato Gonzo é menos importante que o efeito criado. O segundo viés se relaciona ao consumo de drogas, que modifica o estado de consciência do repórter. O efeito destas substâncias faz com o que o narrador descreva como reais situações proporcionadas pela alteração de sua própria percepção.
- Consumo de drogas: a experiência lisérgica se justifica pelo intento de proporcionar àquele que escreve uma visão ampla diante do meio que o circunda, expandindo sua percepção. Esta característica relaciona-se com a personalidade do próprio Hunter S. Thompson, inveterado e declarado usuário de substâncias entorpecentes. Esta associação é tão íntima que o estilo Gonzo chegou a ser caracterizado como a prática jornalística sob o efeito de drogas. Esta noção pode ser refutada pelo fato de que para imprimir ao relato as características basilares do Gonzo não é necessário consumir drogas. Embora a droga seja um importante elemento no Gonzo, não é determinante.

A pesquisadora Christine Othilis (*apud* CZARNOBAI, 2003) aponta a tendência a se distanciar do foco principal da narrativa como outra característica do Gonzo, decorrente da constante busca de Thompson pelo elemento humano das histórias. Por este motivo, o narrador perde-se em temas e acontecimentos paralelos, retornando ao tema inicial apenas por meio de referências breves e contextuais. Othilis destaca ainda a originalidade da linguagem de Thompson, sempre marcada por um humor sarcástico, obscuro e pelo uso criativo do idioma. A seguir, um trecho de *Medo e Delírio em Las Vegas* elucida tal noção:

A imprensa é uma gangue de covardes impiedosos. Jornalismo não é uma profissão, não é sequer um ofício. É uma saída barata para vagabundos e desajustados – uma falsa porta que leva à parte dos fundos da vida, um cozinha imundo e cheio de mijó, fechado com tábuas pelo inspetor de segurança, mas fundo o bastante para comportar um bêbado deitado que fica olhando para a calçada, masturbando-se como um chipanzé numa jaula de zoo. (THOMPSON, 2011, p. 216)⁴

⁴ Com pequenas modificações e variações da autora.



São predominantes nas obras de Thompson, segundo Othilis (*apud* CZARNOBAI, 2003), temas relacionados à violência, esportes, drogas e política. Esta predileção se justifica pelo fato de que o autor tende a envolver-se profundamente naquilo que relata, sentindo-se à vontade para escrever para o público e para si.

Czarnobai e Othilis destacam ainda o uso de epígrafes, citações e pseudônimos. Os dois primeiros são utilizados para oferecer ao leitor um elemento de reconhecimento prévio, de modo a criar identificação com o público. Thompson utilizava-se ainda de alguns pseudônimos para assinar seus textos, inclusive acrescentando a expressão “Dr.” ao seu nome no crédito de algumas obras. No Brasil, o uso de pseudônimos por parte de jornalistas Gonzo ganhou ressonância em parte devido ao consumo de drogas, conduta marginalizada e passível de repressão formal em território nacional.

Dois outros traços encerram o elenco de características dos textos Gonzo: a constante sensação de paranoia e perseguição e o caráter de mobilidade da narrativa. O primeiro elemento é reflexo da personalidade ególatra de Thompson, que sustenta uma persistente desconfiança diante daquilo que o cerca. O segundo se revela através da constante sucessão de cenários em que os textos se desenrolam. A mutabilidade dos espaços, em alguns casos, é proporcionada pelo efeito das drogas, que torna o narrador capaz de reconfigurar um mesmo ambiente de acordo com sua percepção.

Além disso, a experiência de viagem é o elemento norteador de muitas obras de Thompson, como é o caso de *Hell's Angels* (1966), *Medo e Delírio em Las Vegas* (1971), *O Kentucky Derby é Decadente e Depravado* (1970) e *Medo e Delírio na Campanha Eleitoral de 1972* (1973). Em todos estes textos Thompson transitou entre estados, cidades e estradas dos Estados Unidos, seguindo personagens, perdendo-se em histórias paralelas e mesmo nas desventuras do processo de apuração.

Outro elemento que incorpora à narrativa Gonzo um caráter de mobilidade está no aspecto interno do texto. O frequente encadeamento de novas situações no Gonzo é descrito sob uma linguagem fluida, em ritmo acelerado. Esta profusão de informações, muitas vezes de forte impacto sensorial, convida o leitor a sair de seu local de conforto – tomado aqui em um sentido psicológico – e olhar o objeto sob um novo ângulo. As viagens física e interna do narrador tornam-se, portanto, o ponto de partida para a viagem simbólica dos eventuais leitores.



As características impressas por Hunter S. Thompson ao estilo Gonzo e o comportamento assumido e codificado pelo autor em seus textos não se limitam ao momento profissional. Para Thompson, o Gonzo extrapolava os limites do jornalismo para transformar-se em seu próprio e intransferível *way of life*. Desta maneira, a vida e a obra do autor podem ser descritas como indissociáveis. À frente, vejamos de que maneira as idiossincrasias e excentricidades de Thompson o transformam no personagem Gonzo por excelência.

3. THOMPSON: VIDA E OBRA

Hunter Stockton Thompson nasceu em Louisville, no estado sulista do Kentucky, em 18 de julho de 1937. Filho da bibliotecária Virginia Ray Davison e do ex-combatente da Segunda Guerra Mundial Jack Robert Thompson, desde cedo o garoto demonstrava seu ímpeto destrutivo. Entre seus passatempos da infância estavam as brincadeiras com explosivos e armas de pressão. Este apreço acompanhou-o durante toda a vida, fazendo-o, em adulto, um entusiasta das armas e caçador semiprofissional.

Aos oito anos, acusado pela polícia em um suposto caso de vandalismo, Thompson teve sua primeira experiência de confronto direto com as autoridades. Quando dois agentes do FBI bateram à sua porta insistindo para que Thompson assumisse a responsabilidade pelo ato e afirmando que testemunhas já o haviam denunciado, o menino redarguiu questionando quem seriam seus delatores. Tal investida fez com que os policiais desistissem da abordagem. A passagem é descrita em *Reino do Medo*, livro de relatos autobiográficos lançado em 2003.

O primeiro contato com a bebida veio aos 15 anos, após a experiência da morte de seu pai. Thompson seguiu a adolescência praticando pequenos delitos, sendo condenado à prisão pouco antes de completar 18 anos sob a acusação de envolvimento em briga de gangues, assalto e compra de bebidas. Ao sair da prisão, alistou-se no exército e ingressou na Força Aérea. Nesta época, tornou-se editor de esportes do *Command Courier*, jornal da base.

Em 1960, ao deixar a Força Aérea, Thompson foi convidado a assumir a editoria internacional do jornal *National Observer*. Neste período o jornalista vagou pela América Latina, passando por Porto Rico, Colômbia, Bolívia, Peru, Argentina, Uruguai, Paraguai e Brasil. Em 1963, Thompson regressa aos Estados Unidos.



A emergência do *New Journalism* durante esta fase inspirou o autor à escrita de *Hell's Angels*, originalmente publicado como artigo em 1965 e transformado em livro no ano seguinte. Por cerca de dezoito meses, Thompson acompanhou a gangue de motociclistas que dá nome à obra, participando de viagens, festas e testemunhando casos de brigas e vandalismo. Também neste momento Thompson se torna consumidor habitual de drogas. Após um desentendimento, o próprio repórter foi vítima de agressão pelo grupo.

É importante ressaltar que *Hell's Angels* não é considerado pela maioria dos pesquisadores (CZARNOBAI, 2003; MARTELLI, 2006; RITTER & ROCHA, 2012) como um texto Gonzo. Apenas em 1970, com a publicação de *O Kentucky Derby é Decadente e Depravado*, Thompson inaugura o estilo. É inclusive em torno deste texto, que se propõe à cobertura da competição de cavalos *Kentucky Derby*, que nasce a denominação Gonzo. O termo, uma antiga gíria de Boston, foi usado pela primeira vez pelo jornalista Bill Cardoso.

Em 1971, o autor publica o texto que se tornou conhecido como a grande obra Gonzo: *Medo e Delírio em Las Vegas*. Convidado a cobrir a corrida de motos *Mint 400*, Thompson descreve suas experiências durante o trajeto até Las Vegas e as impressões causadas pelo consumo massivo de drogas. Em 1972, o autor escreve uma série de artigos editada em livro um ano mais tarde. Nomeada *Medo e Delírio na Campanha Eleitoral de 1972*, a obra trata sobre a campanha presidencial de George McGovern contra Richard Nixon naquele ano.

A lista de obras creditadas a Thompson é diversificada, incluindo títulos póstumos. Entre os mais conhecidos escritos do autor estão *A Grande Caçada aos Tubarões* (1979), *A Maldição de Lono* (1983), *Screwjack* (1991) e *Diário de um Jornalista Bêbado* (1998).

Hunter S. Thompson faleceu aos 67 anos, em 20 de fevereiro de 2005. O autor suicidou-se com um tiro de espingarda. Quatro dias antes, Thompson deixou uma espécie de bilhete suicida, intitulado *A Temporada de Futebol Acabou*. Exatamente seis meses após sua morte, amigos e familiares organizaram uma cerimônia em seu tributo. Do alto de uma grande torre e ao centro de um espetáculo pirotécnico, as cinzas de Thompson foram lançadas ao céu em um pequeno foguete.

O estilo irreverente de Thompson, o desprezo pelas normas e condutas convencionais e o foco aut centrado de sua expressão permanecem como referência de linguagem e



postura para os novos expoentes do jornalismo. Um destes seguidores é o jornalista mineiro Bernardo Biagioni.

4. BERNARDO BIAGIONI: UM SEGUIDOR

Bernardo Costa de Faria Biagioni nasceu em Belo Horizonte, Minas Gerais, em 28 de junho de 1988. Criado pelos avós, desde cedo mostrou interesse pela literatura, sobretudo a poesia. A tradição católica da família foi parte integrante de sua educação, que sustentava preceitos tradicionais. Por volta dos treze anos, Biagioni começou a escrever poemas, inicialmente sob a forma de versos regulares e estrofes.

Ao longo da adolescência, o processo criativo de Biagioni foi se intensificando, de modo que seu lirismo poético era agora impresso na prosa. Para o mineiro, o jornalismo seria uma profissão capaz de acomodar seu interesse pela escrita. No segundo semestre de 2007, Bernardo foi aprovado no vestibular da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC/MG), passando a cursar Comunicação Social com habilitação em Jornalismo.

Já no primeiro semestre da graduação o estudante teve seu contato inicial com o Jornalismo Gonzo. Por indicação de colegas de turma, Biagioni conheceu Hunter S. Thompson e descobriu uma nova configuração linguística no jornalismo. Seu primeiro contato com a obra de Thompson foi por meio da adaptação cinematográfica de *Medo e Delírio e Las Vegas*⁵ e do livro *Screwjack*. Em paralelo a este processo, Biagioni aprofundava-se no conhecimento da literatura *Beat*, incorporando a influência da escrita direta e ininterrupta de Jack Kerouac.

Também neste período Bernardo conheceu a revista *Ragga*, publicação eletrônica mensal que circulou entre 2005 e 2013 em Belo Horizonte e mais doze cidades de Minas Gerais. Biagioni descreve seu primeiro contato com a redação da revista *Ragga*:

Eu escrevi uma carta para a *Ragga* dizendo que aquilo seria um passaporte de embarque para uma grande viagem. Não era um pedido de emprego nem nada, era só uma carta mesmo. Aí o editor leu essa carta e falou “vem cá, vamos conversar... Do que você gosta?”. E eu falei do Gonzo, do Thompson, e fiquei muito empolgado por que ele conhecia... Naquele tempo, até hoje, pouca gente conhece. Eu me senti no lugar certo. Ele me perguntou se eu sabia inglês, eu disse que sabia. E aí ele disse que tinha acabado um campeonato de surf na Austrália, e que a assessoria tinha acabado de enviar um release. Aí ele falou:

5 Filme dirigido por Terry Gilliam, estrelado por Johnny Deep e Benicio Del Toro. Lançado em 1998 com o título original *Fear and Loathing in Las Vegas*.



“você vai sentar, ler, e escrever uma 'pílula'... Uma nota para rádio. Se você sair daqui e ouvir sua pílula no rádio, você tá contratado”. Aí eu pensei: “eu sei inglês, sei escrever, mas assim sob pressão?”. Quando eu saí de lá ouvi a pílula no rádio. Eu me senti bem, foi uma aprovação, uma porta que abriu (informação verbal).⁶

No início de 2008 Biagioni fez sua primeira viagem pela revista *Ragga*, durante a cobertura de um campeonato de surf no Chile. A viagem rendeu ao repórter a ideia de uma nova coluna de viagens para a revista, cuja proposta era trazer ao leitor uma reflexão sob uma linguagem intimista e desapegada dos padrões jornalísticos convencionais. Em referência à obra de Jack Kerouac, a nova seção da *Ragga* foi nomeada *On The Road*. A partir de então, uma sucessão de viagens teve início: Argentina, Estados Unidos, Peru, Cuba, Colômbia, além de destinos nacionais.

Em 2009, aos 20 anos, Bernardo Biagioni assumiu a editoria do caderno *Ragga Drops*, suplemento semanal do jornal *O Estado de Minas* que se propunha a atrair a audiência adolescente. Em junho de 2010, Bernardo viajou para Florença, na Itália. A viagem significou para Biagioni um momento de ruptura e novas concepções. Encantado pelas pessoas e pela vivência da cena cultural local, o repórter decidiu permanecer na Europa por cerca de seis meses. Neste período, Biagioni manteve-se como colunista e editor.

Ao regressar ao Brasil no início de 2011, Bernardo oficializou sua demissão do *Ragga Drops*. Também neste momento, Biagioni iniciou a produção de seu Trabalho de Conclusão de Curso, encerrando em seguida a sua graduação.

O momento de ruptura pessoal e expressiva representado pelo período em que esteve na Europa fez com que a linguagem ácida herdada de Thompson se tornasse secundária nos textos do jornalista mineiro. Sua escrita passou a revelar elementos próximos da prosa poética, uma consequência de sua nova visão de mundo. Neste sentido, os moldes de uma instituição jornalística, por mais contemporânea e libertária que fosse, não davam mais conta de comportar as pretensões e impulsos do repórter-artista.

Por este motivo, a prática do jornalismo foi perdendo cada vez mais força para Biagioni, até que, com o fim da revista *Ragga* em março de 2013, o jornalista deixou de exercer este ofício. Neste período, dedicado a projetos paralelos de fomento à cena cultural belo-horizontina, se intensificava o processo evolutivo que fomentou a inclinação

⁶ Entrevista concedida por BIAGIONI, Bernardo Costa de Faria. **Bernardo Costa de Faria Biagioni**. [jan. 2014]. Entrevistadora: Nayara de Arêdes Oliveira. Aracaju: 2014. 1 arquivo .wav (1:44:04s)



artística de Bernardo. Entre as iniciativas promovidas por Biagioni estiveram o projeto *ILoveBubble*, que envolvia fotografia, discotecagem e vídeo; e a galeria *Quarto Amado*, voltada a articular a produção de arte local.

Postos os históricos pessoais e profissionais de Hunter S. Thompson e de Bernardo Biagioni, a comparação entre as obras dos dois autores e suas linguagens será apresentada a seguir.

5. THOMPSON E BIAGIONI: CONFLUÊNCIAS E DESVIOS

Uma das características que mais facilmente podem ser visualizadas como um ponto de intersecção entre as produções de Thompson e Biagioni é o fato de que ambos são os objetos principais de seus textos. Diante de suas experiências, os focos iniciais de suas histórias perdem importância, sendo relegados a componentes do pano de fundo. Deste modo, os dois jornalistas fogem do assunto principal da história, perseguindo o elemento humano.

O próprio processo de apuração, inclusive, torna-se o foco do relato em muitos casos. Exemplos são *Medo e Delírio em Las Vegas*, de Thompson, e *Viajo por que te amo, volto por que preciso* (RAGGA, 2010), de Biagioni. Nos dois textos, os autores descumprem a “etiqueta” jornalística para concentrar-se em suas próprias vivências dos eventos que circundam o objeto de suas coberturas. Esta postura não significa, no entanto, uma negligência de ambos em relação às suas pautas, e sim refletem uma escolha pessoal feita antes mesmo que tais pautas lhes fossem confiadas. Para Thompson e Biagioni o valor de um texto jornalístico não está nas fontes, e sim neles mesmos.

Tanto o estadunidense quanto o brasileiro utilizam-se da descrição pormenorizada de situações, locais, objetos e personagens, fugindo da obviedade para passar ao leitor suas impressões acerca do que veem e sentem. Outra característica em comum é a presença de estradas como cenários das narrativas. A estrada representa para os dois um local de plenitude, liberdade e mudança de perspectiva, onde se revela o lado desconhecido do mundo e de si mesmos. É ali que emergem suas excentricidades, angústias e expectativas. Em Biagioni, a noção de viagem ganha um sentido especial, já que o mineiro caracteriza seu estilo de escrita como “Jornalismo de Viagem”.

A crítica à classe burguesa e às instituições e o desprezo pelas normas e autoridades é outro ponto de confluência entre os autores. Em Thompson, esta rejeição dá-se sobretudo em relação à Polícia, enquanto Biagioni renega as imposições morais da sociedade patriarcal e capitalista. A intensidade desta crítica, no entanto, é diferente entre os dois autores: Thompson dispara improperios, e Biagioni emprega uma escrita mais controlada.

Os assuntos abordados por ambos os autores também são correspondentes, embora os cenários sociais e políticos em que ambos se inserem condicionem diferentes tipos de posturas. A seguir, diferenças e semelhanças são apontadas:

- Drogas: Thompson fala abertamente do consumo de substâncias psicoativas e dos efeitos por elas causados. Em Biagioni, porém, o uso de drogas fica subentendido ao longo do texto. Como forma de burlar o estigma brasileiro, o jornalista mineiro vale-se do humor e da sugestão. Na entrevista concedida à autora, Biagioni afirma que diversos de seus textos foram escritos sob o efeito de drogas.
- Sexo: Ambos são reincidentes em passagens de apelo sensual, que funcionam como componentes de uma escrita ácida e sem reservas e como um canal de experimentações pessoais.
- Esportes: Admirador e praticante de diversas modalidades esportivas como futebol, baseball e basquete, Thompson dedicou vários de seus textos à temática esportiva. Biagioni, por sua vez, escreveu principalmente sobre surf, skate e esportes radicais. Nenhum dos dois, no entanto, tem como objeto principal rankings e resultados, e sim atletas e público.
- Política: Para Thompson, a política é um tema essencial, que perpassa todos os outros ainda que não seja este o assunto principal do texto. Já em Biagioni, a política raramente é abordada como tema central. Contudo, o jornalista mineiro procura inserir o elemento político ao reconstruir trajetórias históricas e processos sociais. Mas, ao fazê-lo, não referencia a política partidária. Seu mote são os questionamentos sociais, a fuga da apatia e o desejo de revolução.

A sensação de perseguição é outra constante nos textos de Thompson e Biagioni, que se colocam em constante estado de alerta sobre o que os cercam. Este elemento confere às narrativas dos dois jornalistas uma carga emocional aderente, constituindo tensões e pontos de virada e aproximando seus textos da literatura. É preciso levar em conta que esta propensão à paranoia persecutória é comum entre usuários de drogas, que encontram nestas substâncias algum tipo de alívio ou compensação. Assim, este comportamento pode ser entendido como um tipo de código *junkie*.

Thompson e Biagioni utilizam-se de epígrafes e citações como forma de ligar o leitor à história por meio do reconhecimento de determinada passagem. Além disso, as



epígrafes prenunciam e sintetizam os acontecimentos seguintes. Em Biagioni, fragmentos de músicas e textos literários são usados como intertítulos. Em Thompson, estes elementos encabeçam partes e capítulos de livros.

Passando às dissonâncias entre os dois autores, o uso de elementos ficcionais em Thompson não encontra eco em Biagioni. Embora o jornalista mineiro acentue alguns aspectos dos personagens e eventos que constituem sua narrativa, não é possível dizer que extrapole os limites da realidade. Desta maneira, Bernardo Biagioni mostra um maior comprometimento com o real, cabendo a Thompson uma linguagem mais despreendida de vínculos factuais.

A principal descontinuidade manifestada por Biagioni em relação a Thompson, entretanto, é percebida no momento em que o brasileiro empreende sua grande viagem à Europa. Este período revelou-se para Bernardo não apenas como uma mudança de perspectiva física, mas como um deslocamento interior de ideologias e possibilidades. Ao afastar-se de seu local habitual, Biagioni aproximou-se de sua essência expressiva. Este processo se espelha em sua produção jornalística, que passou a se mostrar ainda mais aut centrada.

É a partir de então que Biagioni celebra o encontro de seu próprio estilo, vislumbrando o que, para Susan Sontag (1965), é o “inevitável” em sua obra. Explica a ensaísta: “na medida em que uma obra de arte parece justa, inimaginável de outra forma (sem dano ou prejuízo), reagimos a uma qualidade de seu estilo” (1965, p. 17).

Para a autora, o elogio a uma obra de arte não pode ser justificado pela tentativa de explicar a inevitabilidade de suas partes. Isto por que, isoladamente, cada característica de uma obra é previamente elaborada e obedece a critérios técnicos, sendo, portanto, passível de ser expressa de outras maneiras. O inevitável de uma obra de arte, portanto, é o todo, os valores que lhe são intrínsecos e a essência da personalidade do autor. Em outras palavras: *o inevitável da obra traduz seu estilo*.

Contudo, não é correto pensar que o valor da narrativa de Biagioni se dissolve pelo fato de seguir os fundamentos traçados por Thompson, tais como o foco narrativo em primeira pessoa, a fuga do tema original e a linguagem ácida. Para o jornalista mineiro, o formato Gonzo foi um estágio de sua trajetória rumo a uma forma particular de expressão.



6. CONCLUSÕES

O panorama esboçado por este trabalho permite depreender que tanto Hunter S. Thompson quanto Bernardo Biagioni valeram-se do estilo Gonzo para superar as convenções do modelo tradicional de jornalismo e questionar o *status quo*. Em Thompson, o Gonzo ultrapassa os limites do jornalismo para revelar-se como um estilo de vida e uma alegoria de sua personalidade.

Em Biagioni, entretanto, a linguagem do Jornalismo Gonzo não pode ser vista enquanto um estilo, já que não imprime a essência de sua autoria. Ao reproduzir os moldes do Gonzo, Biagioni expressa o propósito de buscar uma linguagem particular e questionadora. O encontro desta forma própria de expressão é celebrado em um momento de ruptura. Thompson e o Gonzo são as ferramentas utilizadas por Biagioni para buscar e esculpir os moldes pessoais de sua linguagem e para a descoberta de seu local de origem a partir de uma nova perspectiva.

Assim, a linguagem de Bernardo Biagioni pode ser dividida em dois momentos: a fase Gonzo e a fase Poética. A primeira diz respeito ao início de sua carreira e prossegue até meados de 2010, quando Thompson e o Jornalismo Gonzo eram seu principal referencial linguístico. A segunda, por seu turno, encerra uma escrita mais madura, em que o autor compreende suas próprias necessidades e limitações e manifesta na prosa a essência de sua personalidade.

A trajetória de Bernardo Biagioni demonstra que o Jornalismo Gonzo alcançou perenidade e ressonância, conquistando seguidores até mesmo em lugares distantes. Estes se propuseram a dar continuidade ao estilo sob suas próprias inclinações, indo de encontro à concepção de que Hunter S. Thompson é o único representante do estilo Gonzo no jornalismo.

REFERÊNCIAS

BIAGIONI, Bernardo *et al.* **A Obra**: cena musical independente em uma perspectiva gonzo. 2011. 80 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Comunicação Social) - Centro de Pesquisa em Comunicação, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte. Disponível em:
<<http://xa.yimg.com/kq/groups/22532770/853019942/name/A+Obra++Cena+Musical+Independente+em+uma+perspectiva+Gonzo.pdf>> Acesso em 08 fev 2014.

BRAGATTO, Susana. **Jornalismo literário como literatura**: o “Novo Jornalismo” de Armies of the Night, de Norman Mailer. 2007. 187 p. Dissertação (Mestrado em Literatura) - Curso de Pós-Graduação em Teoria Literária e Literatura Comparada da Faculdade de Filosofia, Letras e



Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo. Disponível em:
<<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8151/tde-24102007-150804/pt-br.php>> Acesso em 08 fev 2014.

CLEVERLY, Michael; BRAUDIS, Bob. **The kitchen readings**: untold stories of Hunter S. Thompson. HarperCollins e-books. 2007.

CZARNOBAI, André Felipe Pontes. **Gonzo**: o filho bastardo do New Journalism. 2003. 88 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Comunicação Social) - Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. Disponível em: <<http://www.petcom.ufba.br/arquivos/gonzojornalismo.pdf>> Acesso em 08 fev 2014.

MARTELLI, Franco Prest. **Jornalismo Gonzo**: uma análise acerca do jornalismo literário. 2006. 33 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Comunicação Social) - Faculdade de Comunicação Social e Jornalismo, Centro Universitário de Brasília, Brasília. Disponível em: <<http://repositorio.uniceub.br/bitstream/123456789/1490/2/20264463.pdf>> Acesso em 08 fev 2014

RAGGA. **Viajo por que amo, volto por que preciso**. Ragga, ed. 34, p. 42-45, fev, 2010. Disponível em: <<http://issuu.com/revistaragga/docs/fevereiro2010>>. Acesso 10 fev 2014.

RAGGA. **Para onde estamos indo**. Ragga, ed. 50, p. 56-59, jun, 2011. Disponível em: <<http://issuu.com/revistaragga/docs/junho2011>>. Acesso em 10 fev 2014.

RAGGA. **Uma carta**. Ragga, ed. 58, p. 50-53, fev, 2012. Disponível em: <<http://issuu.com/revistaragga/docs/fevereiro2012>>. Acesso em 10 fev 2014.

RITTER, Eduardo; ROCHA, Vinícius Waltzer. **Jornalismo Gonzo**: medo e delírio no New Journalism. In: Anais do XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Fortaleza: Intercom, 2012. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/sis/2012/resumos/R7-0362-1.pdf>> Acesso em 08 fev 2014.

SONTAG, Susan. **Contra a interpretação**. 1965. Disponível em: <<https://leglesspider.files.wordpress.com/2012/02/sontag-susan-contr-a-interpretacca7acc83o.pdf>> Acesso em 08 fev 2014.

THOMPSON, Anita. **Ancient gonzo wisdom**: Interviews with Hunter S. Thompson. Da Capo Press. 2009.

THOMPSON, Hunter S. **The Kentucky Derby is decadent and depraved**. The Great Shark Hunt, Gonzo Papers, v. 1, Strange Tales from a Strange Time. 1970. Disponível em: <<http://english138.web.unc.edu/files/2011/08/The-Kentucky-Derby-is-Decadent-and-Depraved.pdf>> Acesso em 08 fev 2014.

THOMPSON, Hunter S. **Hell's angels**. Porto Alegre: L&PM, 2010.

THOMPSON, Hunter S. **Medo e delírio em Las Vegas**. Porto Alegre: L&PM, 2011.

THOMPSON, Hunter S. **Fear and loathing on the campaign trail'72**. Simon & Schuster Paperback. New York: 2012.

WOLFE, Tom. **The Birth of 'The New Journalism'**; Eyewitness Report by Tom Wolfe. New York Magazine, 1972. Disponível em: <<http://nymag.com/news/media/47353/>> Acesso em 08 fev 2014.